

CAIS

# LOMO POÉTICAS DO URBANO

Elaine Schmitt  
org

# LOMO POÉTICAS DO URBANO

Organização  
Elaine Schmitt

Ilha de Santa Catarina  
2020

CAIS

em memória de meu pai,  
Francisco Wilmar Schmitt

# DE PASSAGEM

PREFÁCIO  
Rafael Schoenherr

A estação de trem realmente existiu? Ou seria uma ilusão criada por registros documentais das fotos da virada do século XIX para o XX? Estaríamos fadados, ainda hoje, a imaginar e sentir esse mundo que desapareceu tão somente por lentes ‘objetivas’ dos fotógrafos contratados pelas empresas ferroviárias na época da instalação dos trilhos? Sequer conhecemos todo o arquivo. Estamos só começando, outra vez.

Parte do time de operários deixou registros em tudo geniais e descambou para o fotojornalismo a seguir, uma guerra logo ali para ‘mostrar’. Nomes de referência das melhores safras do documentarismo mundial – e local/regional, pode apostar. Outros desses profissionais abriram seus estúdios e se fixaram – termo químico tão paradoxal quando o assunto é (lomo)fotografia.

Sem querer, vem à mente a clássica imagem estática da estação do trem, feita de um ponto superior, em preto e branco, claro, profundidade de campo, com as pessoas transformadas em borrão ao passar. E uma luz perfeita

para reforçar nossa memória visual de filmes noir. Mas agora, bem sabemos em meio a tanta ruína, não é somente o trem ou os passageiros que correm, é a própria estação de trem que passa e se expressa nessa ‘lomofotomotiva’.

Difícil saber qual dessas duas realidades fotográficas denota/conota, mostra/codifica, com maior intensidade agora o que foi – e continua sendo - a ferrovia como transformação da experiência de mundo em tantas cidades no interior do país. Aquilo que queremos lembrar das cidades ou o que delas foi feito? Desapareceu e continua aí. Em um conceito benjaminiano: fantasmagoria. O gesto lomográfico não está negando ou se colocando como youtuber outsider, mas homenageando as mais fortes tradições do fotográfico.

A fotografia lomo manuseia (assim como o melhor artesanato) o pensamento de Walter Benjamin, 80 anos após sua morte. Justamente em um momento em que, por todo o mundo, ‘fotógrafos de rua’ foram obrigados a esvaziar

as ruas, ver as coisas da janela, 'olhar para dentro', entre outras coisas de arrepiar qualquer um que empunhe uma câmera. Partilha-se globalmente de uma expectativa de quando a cidade (a sua, oras!) deve voltar a tomar forma. Ela já não estava lá. Quanto tempo realmente passa em 80 anos?

Como diz o evangelho da lomografia ecoando anotações de Benjamin de 1930, de fato não se fotografa somente com os olhos, mas com as mãos e com as pernas. O que se vê e se vive são indícios de andanças, de percepção em deslocamento. Contra o peso das codificações (capitalistas?), a fotografia pertence ao fluxo da vida, nessa continuidade só há visão em processo. O trânsito é a condição para o registro notadamente antiquado. Olhares tangenciais evitam encarar de frente o que passou. Desde Robert Frank, o carro se move para frente, mas agora a cena é sempre lateral, diagonal e tardia.

As imagens seguintes podem ser toleradas como acesso ao processo mais do que ao resultado do laboratório ou da edição final. E vale cada passada de olho a promessa de se encurtar a distância entre processo e acabamento final, nem que para isso precisemos carregar por aí uma... lomo! Hispter! Sabotagem da caixa preta? Subverter a programação?

Surgem árvores e trens, paisagens e rostos. Quem viaja por dentro das cidades corre o sério risco de não encontrar nada além de tédio e um pouco de poeira. Anti on the road. Trem para sempre estacionado no pátio. A lomografia não perdoa. Pegadas o tempo todo. O clique como ponto final. Vamos ver o que o dedo e as pernas enxergaram.

Virar as próximas páginas até o fim, depois recomeçar de modo aleatório. Isso pode deixar as fotos cada vez mais parecidas com as lembranças e com imagens que se desmancham dos sonhos ao amanhecer. Se você olhar agora pela janela, tem certeza que a estação de trem logo ali não está borrada? Bem, pode ser apenas nossa vista cansada de tanta tela de computador. Quem passa não mais domina seus passos.

# SUMÁRIO

Martina Sohn Fischer	7
Kleber Bordinhão	20
Lorene Camargo	27
Caio Ricardo Bona Moreira	40
Renato Baduy	54





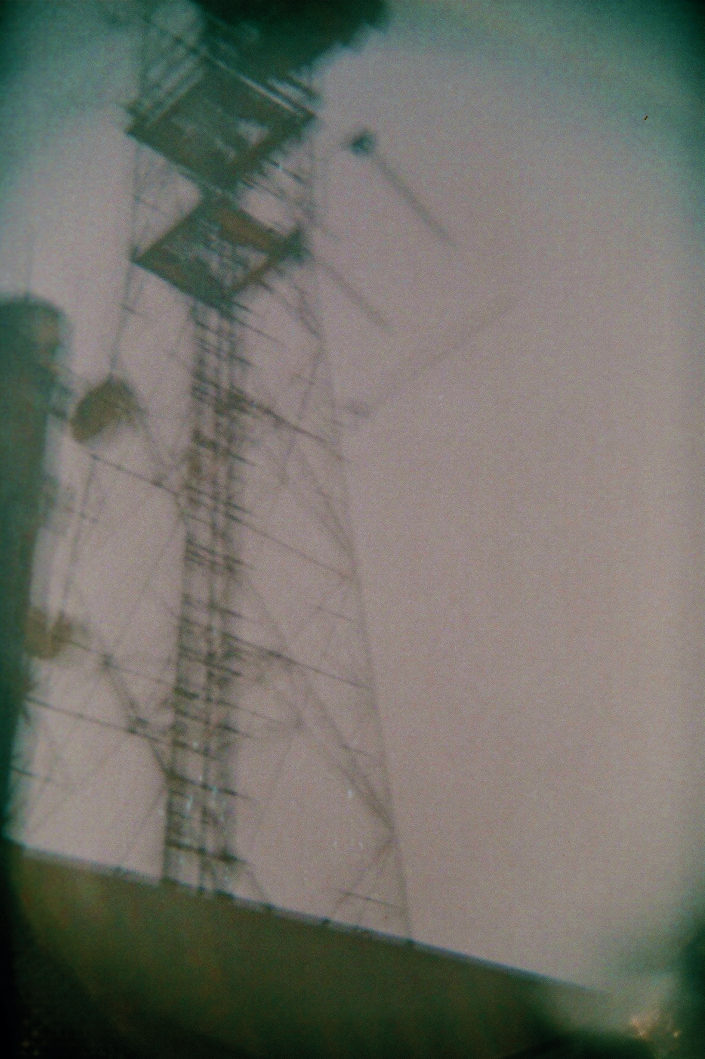
## MINHA CASA DA SUA

o tempo se levanta  
estendemos um lençol  
e ele fica  
resolve demorar em cima da gente  
e nos deixa após um obstinado silêncio  
com a espera na outra mão  
eu te ataco  
nos agredimos através e pelo tempo  
ele nos deixa  
e nos deixamos também.

## O TERREMOTO DE UMA TERRA SÓ

Eu andava pelos corredores de  
madeira e eles andavam em  
mim, quando a terra vibrava,  
eu molhada, do suco da terra,  
de um planeta todo, mas  
dizem, que esse terremoto, é  
só aqui.





## CONSTRUIR-SE

Eu de pé aqui, na ponta do meu maior pé, não te alcanço. Troco por pés maiores, e então minhas pernas não esticam o suficiente. Faço um remendo de ossos e músculos. Meus braços parecem mais curtos agora, troco por dedos mais alongados que possam, finalmente, te alcançar.

E no final de tudo, meus olhos não te enxergam mais, não ousa trocar de olhos, esses são os mais certos que posso ter, é o meu olhar. Tudo o que carrego, são neles, minha maior verdade. Não te alcanço e me satisfaço.













Ferrisville  
with  
Sammestades





**alto lá!**

*os portões dizem de longe:  
- pare, fique aí onde está!*

*como se soubessem onde estou,  
aqui, deste lado  
eu não estou nem aí!*



**cor de lembrança**

*amor de ipê  
eu coloria o amarelo  
você o rosê*



*envelhecer é ter inveja  
de quem  
inveja ainda não tem*



*sentimento novo em folha  
escrito em verde clorofila  
o outono risca, seca  
derruba e apaga*

*inverno,*

*coração de novo em folha branca.*



*pra montar um álbum de lapsos  
não basta ter nascido  
é preciso ter tido laços  
e, é claro, os perdidos*

*e sem um arrependimento chave  
não terás caderno louvável,  
nem preenchido*



*é tudo fachada  
o desenho feliz da calçada  
é fachada  
o casal que passa,  
apaixonado? que nada  
é fachada  
as pessoas ganham tempo nos car-  
ros,  
paradas?  
fachada*

*o olho, a janela da alma,  
fechada,  
fachada.*



**fronteira interna**

*meus limites de presença  
passam longe das minhas pernas*

*passam pelo coração dividido  
entre o que empedra  
e o que ele externa*



*a ponte liga do início ao fim  
um lado ao outro deste poema  
se você ler sem passar por ela  
não tem problema  
e também não tem poesia*

*o sentido não está no outro lado  
está na travessia.*

*minha cidade altar  
vê um ponto cardeal  
na torre da matriz  
o norte pros mais falsos  
um nascente pros terminais  
o velho oeste pros mais vis*

*vê o sul na catedral  
quem tem o seu ponto mais alto  
na ponta do nariz.*





*note que a música é crua  
o som é solto  
ecoa, encobre e insinua  
nota que é boa é aqui, é lá  
não se situa*

*só se sabe que brota da alma  
e cresce em casa  
ou na rua.*

# QUAL O PESO DA MORTE?

A passagem das horas destes últimos dias lhe era estranhíssima. Povoar a si tornara-se cada vez mais difícil e temeroso. Sinais de que sua integridade psíquica já não era a mesma atravessavam-na de maneira indelével e, aparentemente, irreversível. Episódios de desmaios em sequência tinham tomado sua existência cotidiana. E o subsequente esquecimento dos ocorridos. Já não conseguia controlar a si e a seu modo de funcionar no mundo – cão a que pertencia. Sabia que a necessidade de um tutor, anjo da guarda de carne e osso, ou *whatever* era a conclusão máxima de uma procura incessante por soluções. Toda e qualquer reflexão sua sobre o tema chegava a este mesmo ponto, do qual não conseguia alternativa.

Resolveu entrar em contato com um primo que há anos não via. Ele, solícito e solidarizado com a situação de Bia, prontamente se pôs à disposição e iniciou uma pequena mudança para a casa da moça. A simples e dedicada presença deste braço direito não fora suficiente, óbvio. Mas a contabilização dos apagões de Bia ao menos pôde ser realizada.



# AMARELO SANGUE

Por dia, ao todo, vinte quedas livres, onde quer que ela estivesse.

Não havia volta, Bernardo soube prontamente. Decidiu-se em fazer uma espécie de experiência com a prima. Levou-a ao parque mais bonito da cidade e que, àquele mês, estava com seus ipês floridos em potência máxima.

Quando de mais um episódio de desmaio aproximava-se, Bia percebeu. Mas, também, algo de diferente. Sua visão ficou mais lentamente turva que o habitual. Parecia-lhe um torpor bom de sentir. As cores misturaram-se. A luz do sol mais forte e quente em sua pele.

Até que os olhos não suportaram o peso do desmaio que seria o último e fecharam-se àquela cena.

Thomas e Antônio estavam juntos não havia muitos meses. Início de tudo: vida, sorrisos, poesias, canções cantaroladas com suavidade todas as manhãs. Seus corações pareciam não conter tamanho amor. Suas bicicletas, tão despropositadamente parecidas, queriam também sorrir a cada comando de saída. Especialmente aos domingos, dias sempre tão complexos ao casal. Disfarçar que esse dia é um saco, como sempre amanhecia Thomas, era uma necessidade.

Num destes domingos de sol convidativo, um pé de mangas rosadas e suculentas absorveu o olhar de Antônio, que abandonou sua *bike* e correu a elas. Thomas permaneceu ali, no aguardo. Vinte minutos mais tarde:

- Antônio! Vamos! – abandonando também sua magrela.

Ao lado da mangueira, Antônio. Ao lado de Antônio, um lago de sangue dando outro matiz ao verde das folhas caídas. Ao lado do sangue, um bilhete.

“Eu avisei, seu viadinho, que nesse bairro gente suja não dura muito tempo”.

# AMOR MULTICOR

Thomas soube retribuir à altura:

“A cada um que pensar ter o direito de me sangrar como este verme o fez, haverá um bilhete encharcado de sangue purulento lhe esperando”.

Ao lado do bilhete, sangue de um *não-saído-do-armário* heterossexual que havia, semanas antes, declarado amor eterno, possessivo e escondido a Thomas.



- Por que o céu é tão bonito, hein?
- Acho que por ser infinito, algo assim.
- Hmm... que resposta mais tosca, Manuel. Você é capaz de coisa melhor aí, hein?!
- Cara... mas pra que você precisa de explicações racionais pra tudo?
- Porque eu gosto de entender as coisas.
- Sei. Você não entende nem o que há debaixo do teu nariz, moleque.
- O que você quis dizer com isso?
- Isso que você ouviu. Você é muito cego. Acha mesmo que eu venho aqui todo domingo por gostar de olhar pro mesmo céu, toda semana?
- Não?
- Não, idiota!
- Que bom, Manuel. Que bom. – aproximando-se dos lábios de seu interlocutor.



# EGO, SEU MOLEQUE SAFADO!

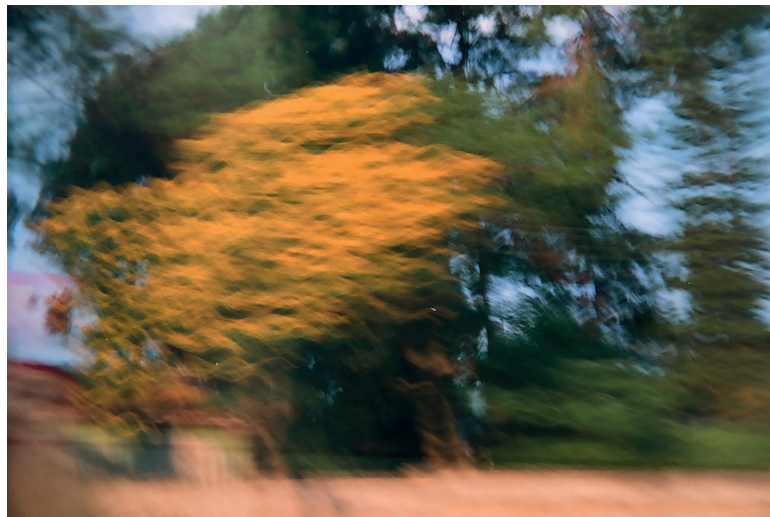
- Para de correr um pouco, Bel! Olha as flores, olha a Lua, olha em volta!
- E quem disse que eu não olho?
- Eu digo isso desde que você nasceu. Ninguém dá conta dessa tua inquietação infinita.
- E nem precisam. Eu me viro.
- Aham.

31 Bel levava a vida de maneira controladora desde que seu pai falecera. Na ausência de alguém para puxar-lhe as rédeas, tratou de fazê-lo por conta própria. Internalizou a figura paterna de maneira quase apocalíptica. Disciplina era seu sobrenome e metas nunca deixaram de ser construídas em sua vida, para que nunca precisasse parar e pensar em perdas, danos, remorsos ou qualquer dos sentimentos humanos e totalmente genuínos por isso.

Seu pai? Era flexível, amável, sorridente e uma figura apazível aos olhos. Não, não era o exemplo de disciplina, e deixava muitos compromissos pra depois. Mas foda-se o que ele era ou deixava de ser. O que ele deveria ser, do ponto de vista de Bel é que foi por ela construído e introjetado em seu psiquismo frenético.

Ele? Foi-se embora deste plano em um infarto fulminante em meio a uma de suas sessões de psicoterapia. Falava sobre sua filha e a preocupação que carregava sobre os ombros.

Ela? Conheceu o terapeuta que fora de seu velho neste mesmo dia e nunca faltou a uma sessão sequer depois do ocorrido.



# LUCIENNE E UM COBERTOR DE MARGARIDAS

Bento mal havia dormido, à espera de seu primeiro dia como calouro de uma universidade. Milhares de pensamentos e sentimentos atravessaram-no até o momento em que aqueles minutos antes de completarem-se sete horas da manhã fossem banidos e ele finalmente adentrava a vida adulta (ao menos em sua visão).

Quase explicitamente emocionado, ao aproximar-se do portão de entrada deste *palácio do conhecimento* (Bento era um romântico indelével), levou o maior tombo de seus 18 anos de história.

- Excelente. Mais uma coisa para eu lidar nos próximos dias. – pensou.

- Vem cá, deixa que eu ajudo. – em meio a gargalhadas debochadas, Lucienne estende sua desenhada mão.

- Obrigado. Que péssimo começo. Que vergonha.

- Não tenha. Esse povo é acostumado à chacota. Sei bem.

- Por quê?

- Calouro, né? Tinha de ser – esquivando-se do assunto completamente desnecessário naquele momento.

Bento e Lucienne apaixonaram-se, como boas histórias *happy ending*.



## MEIA VIDA EM VILHENA

Três anos de relacionamento completos, um funeral: Lucienne era a única travesti a compor o quadro de alunos. E odiada por simplesmente existir.

As flores em seu caixão foram margaridas. Assim como fora o primeiro ramo de flores que Bento havia entregado à amada. Espécie preferida de ambos. Bento ali permaneceu, todas as horas do velório. Despedaçado. Desnorteado. Em seu pequeno discurso: *Eu espero que vocês sintam em suas vidas, algum dia, o amor que eu e Lu sentíamos um pelo outro. E para os que a tiraram de mim, nenhum minuto de sossego.*

Luzia era obrigada a passar por aquele parque da pequena Vilhena repleto de crianças para ir ao trabalho. Não havia outra maneira de caminhar até seu destino. Ali, onde em menos de um ano deste dia, havia perdido alguém de extrema estima em sua vida.

Resolveu hoje sentar-se no banco *de sempre*. Respirou profunda e lentamente, fechou os olhos na intenção de concentrar-se e, segundos depois, passou a observar o movimento coletivo que ali estava independente de sua dor e sofrimento(s). Não se demorou na segura dos olhos. Logo iniciou mais um movimento de pesar e as lágrimas chegaram fazendo uma visita.

Soluços em sequência.

Quando de sua perda, milésimos de segundos lhe faltaram. Agora sente que sobram em sua vida miserável e solitária. Todos se afastaram, culpando-a inutilmente, já que deste trabalho ela havia se incumbido, cotidiana e incansavelmente. Era ela quem mais carecia de ombros, mãos e braços para segurá-la de uma queda sem volta.

Melina tinha quatro anos à época. Faria cinco



neste dia.

Luzia mãe, mulher; com braços, olhos, mãos, pernas, **coração**. Tornou-se monstro, assassina, assombração.

Levantou-se do banco, a secar as lágrimas que ainda insistiam, e um pensamento tomou-lhe por inteira.

*Minha vida foi decepada. E essa meia vida que há não basta.*

Subiu vinte andares de seu prédio, pelas escadas.

Luzia morava no terceiro.

# MEIO DIA

Coração esfarrapado, assentado, jogado num canto do banco frio, onde tantas friezas e dores por ali passaram. Beatriz não desejava a felicidade, somente que ele cumprisse ao menos com uma de suas promessas megalomaniacas. Gostaria de ter motivos mais concretos para sofrer. Situações palpáveis, não a ausência delas.

-Mais uma vez me perco em fantasias.

O relógio não parava como gostaria. Caso o fizesse, pensava ela, poderia descansar um pouco de tanta vida pesada, fracassos, pesadelos e de tudo que a configurava. Descansaria de si. Assim também o faria se ele ali estivesse. Poderia entregar um pouco de seu olhar cansado para que ele cuidasse. Dividir pesos.

E medidas.

Teria de apanhar dois metrô. Pior: sozinha. A preguiça se misturava ao desespero em ter fracassado mais uma vez. Aguardou que ambos os ponteiros se unissem ao número doze. Superstição sua. Superstição tola. E que também a fazia descansar, desconectar-se de seu Ego um mínimo que fosse, ao montar a situação mágica.

Até que

- Oi, Bia. Demorei?



# O AMOR É CEGO OU É A PRÓPRIA CEGUEIRA?

- Casal que briga muito dura tempo demais, sabia disso?
- Sabia, Leo, sabia. Mas me deixa dirigir em paz? Quando chegarmos falamos sobre nós.
- Nunca é no momento que eu preciso, não é?
- E por que precisaria falar a cinco minutos de chegarmos?
- Porque não aguento mais.

Virgínia para o carro.

- Então vai. Desce.
- Obrigado por toda essa consideração e maturidade.
- Por que você não se ouve falando, moleque?

Leonardo saiu do carro cego de ódio. A ponto de não ver a placa que o impedia de simplesmente atravessar a rua. E mesmo que ela não existisse ali. Sua fúria não seria relevante o bastante para impedir um caminhão atrasado em sua entrega do dia.

Pare não foi suficiente.

Nunca era.



# OLD SCHOOL

- O que me assusta mais nestes últimos tempos é ver fotos de pessoas que nasceram no mesmo ano que eu estarem envelhecendo. Assim também eu. Mesmo processo, mesmos dias, apenas com algumas carências e outras vantagens. Mas ficando velhos. Apodrecendo. Rumo à morte. Nossas ideologias escorrendo por entre os dedos, o grande capital dominando nossos olhos e desejos, nossa preocupação crescente com a tal saúde. Antes, beber todas as substâncias alcoólicas que estivessem contidas em uma mesa suja de uma república acolhedora e sorridente. Hoje, ressaca de dois dias. Antes, qualquer erva era motivo o bastante para a atividade da seda. Hoje, “de onde é? Com quem você comprou?”. Ao menos continuamos fumando esse elixir. Antes, os subversivos éramos nós por tragar ganja. Hoje é considerada *out*, *fora de moda*. Gerações são tão distintas entre si, não é?

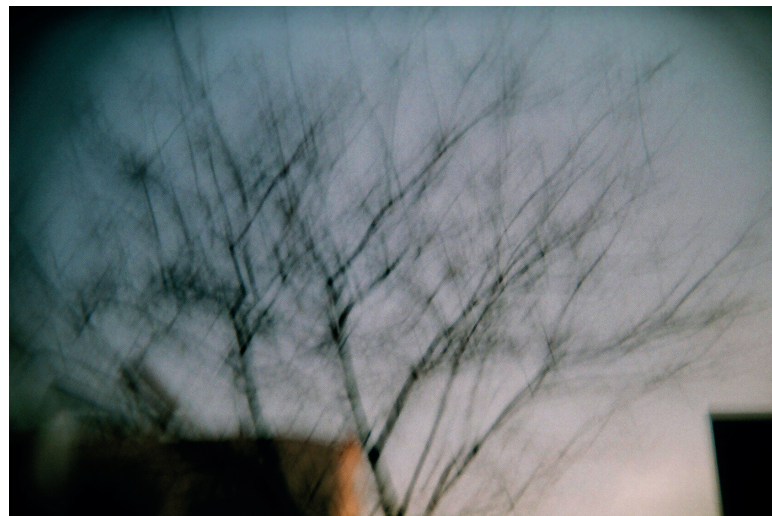
- É com esse papo baixo astral aí mais novo é que você não está ficando, querido.

- Se um dia eu ficar careta, você me fala?

- Todos já estamos nessa, meu bem. Se há quem nos supere e ultrapasse, vulgo “jovens mais descolados”, já entramos pra estas estatísticas.

- Merda.

- Desculpa.





# PÉ-DOIS

O caminho de casa parecia-lhe tão tedioso quanto qualquer outro. Ou mais. O carro de seu pai havia estragado e por mais tempo este trajeto não lhe seria de grande proveito, já que deveria ir, então, a pé à faculdade. Família de grande poder aquisitivo a que Lia pertencia. E quase humilhante a seus pés ter de utilizá-los para chegar a seu destino.

39 O que mantinha seu mau humor habitual era nada menos que sua própria existência. Odiava-se por não ser mais velha, odiava-se por não ser mais jovem o suficiente para ser considerada criança novamente, odiava-se por brigar por bobagens, em lampejos de lucidez; e também odiava-se por abaixar a cabeça às hipocrisias que ouvia em casa.

Família demagogicamente cristã. Lia, depois de tudo que já viu e viveu embaixo daquele teto, pensava ser o mínimo ter acesso a algumas regalias. O carro, por exemplo.

A vontade real era fugir.

Ou surtar.

Mas, independente da decisão, não ter de lidar com sua miserável vida.

Abusada sexual e verbalmente pelo pai.

Mimada pela mãe.

Odiada pelos colegas.

(e por si própria).

Em sua estante de livros, uma prateleira somente para uma longa e entorpecente faixa preta.

Que não estava ali por sua própria vontade.

Nada estava como sua vontade gostaria.

"Há de estar apartado dos olhos  
para se poder ver"  
é o que diria Padre Vieira  
se na foto borrada visse  
as frutas e cores dessa fruteira


partitura musical  
na pauta dos f(p)ios  
sinfonia de pardal





uma máquina de tecer o vazio  
no poema invento  
ou de ouvir na foto  
com fino faro  
a língua do vento





Na biblioteca  
o ontem, hoje,  
se fez presente  
como agora  
amanhã será de novo  
antigamente



com o tempo  
o passado  
fica sendo  
uma colcha de retratos  
cenas de um filme estrangeiro  
álbum de estranhos retalhos

fora de foco e de ordem  
as fotos que ficam  
soam falsas como um filme dublado  
são e não são aquilo que narra  
seu insano cine-mosaico

### **Copa de 50**

Andar de Trem  
Voltar no tempo  
Inventar a bossa  
Desenhar Brasília  
Escrever Grande Sertão  
antes do Rosa  
Fazer justiça  
Desviando para longe  
A bola das traves de Barbosa





às vezes  
a vida  
é linda  
e na guitarra  
nos dedilha  
como Paco  
ou Deus o vento  
pra bailar a planta  
muito embora  
quase tudo  
seja não

### **Provinciano**

nunca sei ao certo  
o que vai no centro  
se o ponto é o começo do fim  
ou apenas o fim do começo  
tudo depende da hora  
tudo depende do meio

da margem do muro melhor se olha  
aquilo que não sei direito





Juno ou Ludwig  
Perpétua, Amaro  
Nenhuma máscara se compara  
Àquela que nefelibata  
Se insinua ou se ensaia  
No cine do céu  
Que tela ou texto  
Projete seus filmes,  
Signos, estrelas,  
Cometas, vento,  
Astros e nuvens,  
Imagens, movimento

na fotografia  
o olho escreve com a luz  
uma concreta engenharia  
como a mão faria  
no poema sua armada  
e amada poesia





Cheguei a ver minha existência encostada  
no mundo

Foi quando o vento chorou na secura  
dos galhos,  
eles balançavam.

Até senti meu dedo tocando o encontro  
da vida.

Aí já não enxergava fronteira entre  
minha pele e todas as coisas que existem.

Fui horizonte e ocaso, paisagem e  
movimentos imperceptíveis

Ao ponto de ser tão ninguém  
que ao estar por aí a passar,

me apontariam dizendo:  
olha a vida caminhando!



Tenho escassez na palavra,  
Eu só me resvalo de saber muito.  
Quando fico de saber bastante  
minhas plantas até murcham,  
Aí me guardo mais na ignorância.  
Chego até a dormir abraçado com ela,  
Sinto seus cafunés quando ouço Chopin,  
e ficamos abobados a rir  
Mas se fosse dar um silêncio desimportante  
para a ignorância  
Seria a convivência com os latidos dos cães  
que me avizinham,  
Os latidos até tomam banho comigo,  
Aí eu converso mais tipo de ouvido  
Parece que eles aumentam o estilo do vazio  
E eu fico todo rodeado.



Sou mais largado a inutilidade  
As coisas sem função gostam de mim  
Pego os objetos perdidos pra minha  
intimidade  
Até que de repente fico encostado na nossa  
relação.  
Por exemplo, quanto de guardar um  
graveto desnecessário,  
Ele mais era motivo da minha estética  
Tipo apêndice das extremidades.  
E a gente viveu um longo romance  
Até que hoje só me resta em memórias



Sou mais de gosto daquilo que sobra  
Lá onde fica a saudade das possibilidades  
O azar do que não nos restou  
Tipo os docinhos largados da gula,  
Já ninguém os suporta.  
Só o futuro!  
O futuro não é a repetição de nossas  
vontades?



Quando pequeno passeava mais rente à  
vida.

Em frente de casa havia um navio pirata  
em forma de árvore,

Ali navegava horas de vida

Até hoje.

Às vezes enfrentava duras batalhas,

Logo arrancava umas armas galhos

Me abastecia de munições frutas

E estava preparado para atravessar  
minhas fantasias.

Acho que a vida era mais de afagar nossa  
loucura.



De triste me aproximava das coisas  
Deitava o peito na parede ou no chão  
E a própria casa se tornava eu  
Aí sentia o frio de onde a gente vive.  
Pelo que me fazia menor  
Acho que de ficar fraco eu me  
engrandecia de outros.



O tédio me fazia subir na janela  
Eu ficava de me enraizar nas grades.  
Ou eu era a própria grade que me  
enraizava?  
Ali eu recolhia outras intensidades  
A lonjura das coisas me transformava  
Entre o olho e o chão me ganhavam  
novas profundidades  
Pelo que encontrei muita vida no tédio.  
Acho que essa era a minha maior  
brincadeira.



Eu pousei nos meus balanços  
De tanto vacilar entre a felicidade e o sono,  
decidi dormir.  
Pelo que fiquei madrugada: loucura e  
silêncio  
No silêncio guardei os grilos, as coisas que  
batem e estalam que não tem onde, miados  
noturnos e respiração.  
E carro, e carro, e carro, e carro...  
Na loucura me preenchi de poesia  
O delírio da vida.  
De restante me desconheço.



Já não me penso como passageiro  
Sou a própria passagem  
Das coisas que trombam em mim.  
Pelo que percebi ter grande amplitude.  
Decidi daí não parar mais,  
Lancei-me no desassossego do movimento.  
É que me larguei no abandono de não ser  
meu nome próprio.  
Preciso confessar,  
Apaixonei-me pelo mundo até chegar  
ao acaso de ser vida.  
Eu sou o sujeito escondido pelas pedras.  
Basta ver a onda a bater-me!

**Caio Ricardo Bona Moreira** Professor de Literatura da Unespar (campus de União da Vitória). É autor de *Fábrica de Flores, Papele e Oriki Daqui* (Medusa, 2019), e *Esquinas* (Micronotas, 2020).

**Elaine Schmitt** Especialista em História, Cultura e Patrimônio, mestre em Jornalismo e doutoranda em Ciências Humanas. Desde sempre instigada e inspirada pelo mundo imagem.

**Kleber Bordinhão** Natural de Ponta Grossa-PR. É autor de livros de poesia e crônicas. “Por extenso”, lançado em 2019, é sua mais recente obra.

**Lorene Camargo** É psicóloga social, professora e macumbeira. Autora de “Em dor fina” (Kazuá, 2014).

**Martina Sohn Fischer** É escritora, dramaturga e psicanalista. Tem o ato de escrever como lastro de si.

**Renato Baduy** É psicólogo, psicanalista, pai e, por muitos momentos, poeta.

# LOMO POÉTICAS DO URBANO

64

**Organização** Elaine Schmitt

**Fotografia** Elaine Schmitt

**Textos** Martina Sohn Fischer, Caio Ricardo Bona  
Moreira, Kleber Bordinhão, Lorene Camargo e  
Renato Baduy

**Projeto Gráfico** Kamilla Nunes

**Revisão** Gisele Barão da Silva

Catlogação na fonte elaborada por  
Karla Viviane Garcia Moraes – CRB14/1002

L846 Lomopoéticas do urbano / Organização Elaine Schmitt. –  
Florianópolis : Cais, 2020.  
63 p. : il. color.

ISBN: 978-65-992552-3-6

1. Fotografia. 2. Lomografia. 3. Literatura e fotografia. I.  
Schmitt, Elaine.

CDD 770

CAIS

CAIS